Nicho à espera

Longe de ter esgotado suas potencialidades, o mercado de orgânicos abre bons espaços para a produção

LUIZ ANTONIO PINAZZA E REGIS ALIMANDRO

Uma série de explorações, consideradas alternativas em relação às tradicionais, se inscreveu no atual mundo rural e conquista seu espaço na carteira dos agronegócios. Entre seus produtos mais evidentes estão os orgânicos, caracterizados por dispensar o uso de insumos químicos, que rapidamente ganharam um lugar especial em supermercados, feiras e mercearias.

Vantagens reais

Os orgânicos se beneficiaram de três movimentos simultâneos do mercado. O primeiro deriva da necessidade que têm sempre os produtores de minimizar seus custos, seja por plantio direto, rotação de culturas ou controle biológico de pragas e doenças.

O segundo vem da simpatia demonstrada pelos consumidores por conceitos como conservação do solo e preservação de mananciais, além de sua preocupação com a qualidade dos alimentos no que se refere à ausência de aditivos artificiais.

O terceiro se explica pela vantagem de ordem prática que significa comprar frutas, legumes e verduras já limpos e embalados, frescos ou processados, como os produzidos em sistemas hidropônicos por exemplo.

Longe de ser considerada marginal, desenvolvida para satisfazer idiossincrasias pessoais e adeptos de ideologias ambientalistas, hoje a agricultura orgânica é vista por empresários e segmentos de porte como uma promissora fonte de lucro.

Incorre em ledo engano quem acredita estar essa técnica de produção fadada a ficar confinada a chácaras, sítios e quintais pequenos. No Brasil, assim como em outros lugares do mundo, cresce o número de *cases* ilustrativos da rapidez com que o processo se dissemina e profissionaliza.

No Brasil e no mundo

O número de agricultores brasileiros envolvidos com a agricultura orgânica, individualmente ou organizados em cooperativas e associações, duplicou entre 1998 e 1999: eram 700 e agora somam 1,5 mil.

A área cultivada está em torno de 100 mil hectares e a movimentação de recursos já passa de US$50 milhões, segundo

Fazendas orgânicas do Brasil

- Usina São Francisco, de Sertãozinho, São Paulo, produz, exporta e comercializa açúcar orgânico Native, com exclusividade no mercado suíço.
- Univalen, de Valparaíso, São Paulo, também produz açúcar orgânico.
- A Souza Cruz, compradora de 220t de fumo de quase 60 mil produtores, desenvolveu o sistema *float* de produção de mudas sem utilizar brometo de metila. Também introduziu o controle biológico de organismos nocivos à lavoura através o fungo *Trrichoderma*.
- Em 1998, Barretos criou o Agropólo para Agricultura Orgânica, com projetos para piscicultura, olericultura e fruticultura.
- Empresa Agropalma, agroindústria de dendê, exporta óleo orgânico para a produção de margarinas e biscoitos.
- O produtor mineiro Carlos Fernandes Franco exporta café para a empresa torrefadora japonesa, a Organic Coffe, que atende o segmento de mercado exigente de produtos naturais.
- Monte Citrus Agroindustrial, de Monte Azul Paulista, fornece laranja para o Pão de Açúcar.
- Cooperativa Agroindustrial do Vale da Lagoa (Coopervale), no Tocantins, adota variedades de arroz resistente ao brusone e reduz a aplicação de defensivos de 40% a 50%.
- A Embrapa desenvolve o *Baculovirus* como novo método de controle da lagarta do cartucho, responsável pela destruição de 20% da área de milho.
- Daterra, indústria de alimentos de Schroeder, Santa Catarina, lança balas e geléias de banana com açúcar orgânico.

estimativas de profissionais do setor.

São números ainda modestos ante a magnitude da agricultura nacional. A Associação de Agricultura Orgânica (AAO) informa que 70% dos projetos estão localizados em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Mas não há dúvidas de que a agricultura orgânica é uma das principais tendências do agronegócio mundial. As projeções preliminares apontam para até 2005 uma participação crescente no faturamento de vendas da ordem de 1% para 10%.

Esse crescimento se fortalece pela reação dos consumidores dos países desenvolvidos ante a doença da vaca louca, a peste suína, a contaminação de rações e pelo embate em torno dos organismos geneticamente modificados.

As estimativas de renda variam substancialmente: a FAO projeta um mercado global de US$8,7 bilhões, enquanto o Centro de Comércio Internacional cita uma cifra correspondente ao dobro de três anos atrás.

LONGE DE SER CONSIDERADA

marginal, desenvolvida para satisfazer idiossincrasias pessoais e adeptos de ideologias ambientalistas, hoje a agricultura orgânica é vista por empresários e segmentos de porte como uma promissora fonte de lucro.

FRONTEIRAS POUCO NÍTIDAS

No começo a atividade era vista como mera oportunidade de negócio para ocupar um nicho aberto do mercado. Na prática, seu desempenho vem mostrando a potencialidade típica de um segmento de consumo. Mesmo assim no entanto ainda não houve tempo suficiente para apurar a movimentação real dessa onda sem a espuma que a envolve.

Detentora do maior mercado mundial para produtos orgânicos, a União Européia amplia sua produção interna, mas prossegue igualmente aumentando as importações.

A atividade produtiva doméstica de curto e médio prazo não conseguirá dar conta da crescente demanda européia – o que faz entrever possibilidades espetaculares para países como o Brasil de estenderem negócios em produtos da estação (cana-de-açúcar, cereais, oleaginosas) ou de fora da estação (frutas e legumes).

NÚMEROS PREVISÍVEIS

No atual exercício, a comercialização de orgânicos em âmbito mundial deverá passar da marca de US$23 bilhões.

Nos Estados Unidos, sobre dados do Departamento de Agricultura, especula-se que o faturamento subiu 20% em 1998 e quase dobrou em 1999. Tanto os EUA

Argentina – canal exportador

Alavancada basicamente pelas exportações, a produção de alimentos orgânicos na Argentina quintuplicou entre 1995 e 1999: de 5 mil toneladas, foi atingir 25,8 mil. Mais de 90% da mercadoria produzida vai para os consumidores externos. O país já aprovou a lei de produção orgânica e os esforços se concentram no fortalecimento da capacidade exportadora.

Empresários do setor reivindicam maior participação do governo com dotação de recursos para a atividade. Entre os principais consumidores dos produtos portenhos figuram a União Européia e os Estados Unidos, respectivamente, com 85% e 10,7%. Japão e Cingapura também fazem parte da lista, assim como o Brasil, que importa sementes de girassol.

O fraco desempenho econômico do país, no que diz respeito ao desempenho do PIB, não gera aumento na renda *per capita* e mantém fraca a demanda interna. Com preços mais altos, os produtos orgânicos, mesmo gozando da preferência dos consumidores, sofrem com essa situação adversa. A grande maioria da demanda doméstica está concentrada na região de Buenos Aires.

Argentina: área de agricultura orgânica
Milhares de hectares

Ano	Produção pecuária	Produção agrícola	Total
1997	207,6	21,6	229,2
1998	269,8	21,7	291,6
1999	987,2	23,7	1.010,90

Fonte: Senasa.

Argentina: destino da produção orgânica
1999

Produto	Mercado interno - t	Mercado externo – mil t
	1. Origem vegetal	
Cereais e oleaginosas	2.576	13,3
Frutas	181	7,9
Legumes e hortaliças	620	2,6
Aromáticos	47	1,2
Industrializados	182	0,2
Outros	4	-
Total	3.612	25,2
	2.Origem animal	
Carne bovina	92	0,45
Carne avícola	143	-
Mel	1	0,1
Queijos	1	-
Total	237	0,56

Fonte: Senasa.

Números do mercado de produtos orgânicos
Alimentos e bebidas - 1997

País	Faturamento	Participação %	Projeção %
1. Europa	(US$ milhões)	nas vendas	do crescimento
Alemanha	1.800	1,2	5 a 10
França	700	0,5	20
Reino Unido	450	0,4	25 a 35
Países Baixos	350	1	10 a 15
Suíça	350	2	20 a 30
Dinamarca	300	2,5	30 a 40
Suécia	110	0,6	30 a 40
Itália	750	0,6	20
Áustria	225	2	10 a 15
Outros países	200		
Total	5.255		
2. EUA	4.200	1,25	20 a 30
3. Japão	1.000		
Total geral	10.455		

Fonte: International Trader Center (CCI). Organic Food and Beverages: World Supply and Major European Market.

* A CCI é uma agência de cooperação técnica da Organização Mundial do Comércio e Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Untact).

O NÚMERO DE AGRICULTORES

brasileiros envolvidos com a agricultura orgânica, individualmente ou organizados em cooperativas e associações, duplicou entre 1998 e 1999: de 700 a 1,5 mil. A área cultivada está em torno de 100 mil hectares, movimentando mais de US$50 milhões.

como a Europa participam com US$10 bilhões cada um, estando o Japão com US$1 bilhão e o resto do mundo com US$1 bilhão.

Mesmo para o consumidor norte-americano, familiarizado com a agricultura orgânica desde os anos 50 e tendo a sua disposição o Organic Foods Production Act aprovado em 1990 , o assunto evoluiu muito lentamente no país.

Mudanças efetivas

Só recentemente houve uma mudança significativa, com a nova dinâmica imprimida pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e o Organic National Program, implementado pela Food and Drug Administration. Funcionários do governo e da iniciativa privada são treinados e credenciados para conceder diplomas a produtores e agroindústrias de alimentos e bebidas que não utilizem produtos químicos.

O programa abrange a fixação de normas e padrões – selos de garantia, autorização de importações e equivalência com as regras de países estrangeiros. Várias substâncias sintéticas são analisadas para a aprovação de seu emprego na produção e processamento de bens orgânicos.

Para atender o interesse de 4 mil agricultores e 600 processadores, com a constituição de 44 agentes de certificação, a iniciativa foi orçada em US$1 bilhão.

O programa norte-americano traz dois benefícios indiscutíveis aos consumidores: disponibiliza maior quantidade de alimentos orgânicos diversificados, provenientes de carnes bovinas e avícolas, ou processados, como as sopas. Além disso, cria mecanismos de proteção contra rótulos e informações falsos.

Certificados de garantia

Para chegar à maturidade, os produtos orgânicos se deparam pelo menos com três barreiras: o processo de certificação, o conhecimento técnico e o entendimento do mercado.

Para pagar mais caro na aquisição de um produto orgânico, importadores, indústrias de alimentos, distribuidores e consumidores exigem cada vez mais quanto a certificados de garantia da origem da mercadoria.

Por sua vez, os compradores querem estar seguros do conhecimento aplicado para a melhoria da estrutura e fertilidade do solo, sem o emprego de produtos químicos, e das sementes e mudas, temendo o uso de organismos geneticamente modificados.

O entendimento de mercado torna possível avaliar melhor a credibilidade do fornecedor quanto à seleção de canais de distribuição e de *marketing* da mercadoria.

Certificadores nacionais

Ainda longe de esgotar as potencialidades nacionais, só no Instituto de Biodinâmica e Desenvolvimento (IBD) – localizado em Botucatu, São Paulo, e detentor do aval da Federação Internacional de Desenvolvimento da Agricultura Orgânica (Ifom), com 17 entidades associadas no mundo – já se certificaram 250 projetos de culturas orgânicas no Brasil.

A AAO é outro organismo certificador de gabarito internacional operando no país. O processo de qualificação é exigente e principia na adoção de sistemas de produção de organismos, para a seguir passar por testes envolvendo leis trabalhistas e ambientais.

Assim como ocorreu nas práticas de gestão das empresas, a certificação é crucial para o desenvolvimento mundial da agricultura orgânica. É o caminho para a definição e aprimoramento de normas e padrões globais mais uniformes.

O reconhecimento internacional é realizado pela Ifom e a International Organic Acreditation Services Inc. (Ioas).

A maioria dos países latinos carece de leis ou regulamentos sobre essa matéria. A Argentina disciplinou o assunto em 1994, na esteira do modelo da União Européia. Enquanto isso, o Brasil baixou a instrução normativa número 7, em 17 de maio de 1999, dispondo sobre normas para a produção de orgânicos, à qual falta ainda seguir os trâmites burocráticos.